

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Gde ABC

Class.: PIX GERAL

Data: 02.08.84

Pg.: _____



Desde que V. Boas dirige o Parque os índios têm assistência

Assistência médica a índios do Xingu

A idéia surgiu em 1965. Uma equipe médica da Escola Paulista de Medicina voltava de uma viagem ao Araguaia quando o avião pousou no Parque Nacional do Xingu para deixar um passageiro. Havia um índio doente e os médicos foram então solicitados para atendê-lo.

Motivados pelo encontro e a convite de Orlando Villas-Boas, então diretor do Parque, eles resolveram, a partir daí, organizar um grupo que desse assistência médica aos índios do Xingu.

Hoje, um convênio entre a Funai, o Ministério do Interior e a Escola Paulista de Medicina assegura o prosseguimento desse trabalho, que é coordenado pelo Departamento de Medicina Preventiva da Escola.

De um lado, explica o Dr. Roberto Baruzzi, professor titular e chefe do departamento - um dos iniciadores do trabalho - o programa procura determinar as condições de saúde dos índios e planejar medidas médico-profiláticas destinadas à proteção das tribos, incluindo a colaboração nos programas de vacinação e assistência médica. São também realizadas pesquisas de interesse médico-científico, que podem trazer subsídios às ações de saúde.

De outro lado, o trabalho conta com a colaboração da direção do parque quanto a alojamento, instalação de laboratórios e transportes no interior do parque.

Malária e Tuberculose

O Parque do Xingu engloba hoje aproximadamente 2500 índios, divididos em 17 tribos (10 no Alto Xingu e sete no Baixo Xingu) pertencentes aos quatro grandes troncos linguísticos indígenas: Aruaque, Caribe, Jê e Tupi, além dos Juruna e Trumai.

Para cada um dos índios é feita uma ficha, logo após o nascimento. Ela inclui os dados observados nos exames clínicos, as vacinas aplicadas e dados que possam identificar o índio quanto à sua família e tribo. Esse sistema de trabalho é muito útil, explica o Dr. Baruzzi, pois as fichas permitem um levantamento das condições de saúde da população do parque, além de se constituírem num importante acervo de informações sobre o índio.

Segundo o professor, o problema de saúde de maior gravidade é a malária, seguido de infecções nas vias respiratórias, tuberculose e doenças diarreicas. A situação dentária também é deficiente, havendo a colaboração da Faculdade de Odontologia da USP nesse campo.

Resultados bastantes satisfatórios, porém têm sido alcançados, como a redução da mortalidade infantil, crescimento demográfico e

queda de ocorrência das doenças transmissíveis. Os casos de tuberculose são acompanhados de perto, vigia-se o aparecimento de novos casos e medidas de combate à malária, como a dedetização das cabanas, têm controlado a incidência dessa doença.

As equipes médicas são formadas, em geral, por um grupo de 10 pessoas, entre professores, residentes e alunos. São enviadas quatro vezes ao ano - em março e setembro no Alto Xingu e em janeiro e julho no Baixo - ou em situações de emergência, como por exemplo, epidemia.

Ao chegar, a equipe começa a percorrer as aldeias, aplicando as vacinas e examinando os índios, num trabalho que dura em média 15 dias. A curta permanência é explicada pelo fato de que as vacinas precisam ser conservadas em gelo e este não tem condições de se conservar por muito tempo.

Todo o trabalho técnico médico-assistencial desenvolve-se durante a permanência da equipe no parque. Entretanto, casos que necessitam de maiores cuidados são enviados a Brasília e, mais frequentemente, ao Hospital São Paulo, agregado à escola. Nos últimos dois anos, a assistência tem sido contínua, devido à permanência de dois residentes durante todo o ano, no Parque, em rodízio de 15 dias.

Aliado a isso, a estrutura de saúde da Funai no parque está sendo reestruturada, de modo a assegurar a presença de enfermeiras e auxiliares nos postos indígenas e alguns índios estão sendo treinados para serem monitores de saúde, junto às aldeias. Seu trabalho, no caso, seria controlar a aplicação dos medicamentos e alertar os postos para o surgimento de doenças.

Respeito Mútuo

O relacionamento dos médicos, enfermeiros e alunos com os índios tem sido bom, pois não há interferências. "Estabeleceu-se um clima de mútuo respeito" diz o médico Baruzzi. "Mesmo quando a visita do pajé coincide com a do médico, este é sempre bem recebido". O professor acredita que esse relacionamento é em parte devido ao interesse que os participantes das equipes demonstram pela cultura indígena, seus costumes e suas práticas medicinais.

Também na escola, o trabalho tem sido valorizado por parte de professores, diretores e alunos. Existe, inclusive, uma espécie de museu, a sala EPM-Inpc, onde se encontram os diversos presentes recebidos durante as visitas e painéis fotográficos que documentam as experiências vividas pelos participantes (Ligia Margaret Kosin).